



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita à Agrishow 2004 – Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação

Ribeirão Preto-SP, 30 de abril de 2004

Meu caro companheiro Palocci, ministro da Fazenda,
Meu caro companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Meu caro Sérgio Magalhães, presidente do Conselho Consultivo da Agrishow,

Minha querida companheira Marisa,
Meu caro Gilberto Maggioni, prefeito de Ribeirão Preto, e sua senhora Teresa,

Meus queridos companheiros deputados,
Deputado federal Jamil Murad,
Meu caro Delben Leite, presidente da Abimaq,
Meu caro Carlo Lovatelli, presidente da Abag,
Meu caro Cláudio Braga, diretor da Sociedade Rural Brasileira,
Meus companheiros prefeitos,
Expositores,
Trabalhadores,
Grandes, pequenos e médios produtores,
Companheiros responsáveis pelo sucesso desta Feira,

Eu penso que qualquer cidadã ou cidadão brasileiro ou estrangeiro, que tiver a oportunidade de fazer uma visita a uma feira como esta, certamente sairá daqui infinitamente mais otimista do que entrou, porque esta feira é a síntese daquilo que o Brasil é capaz, na medida em que o país acredite definitivamente que nós não nascemos para ser um país eternamente



emergente, mas nascemos para ser um país grande, rico, e que possa ocupar um lugar de destaque nesse mundo globalizado, muitas vezes impiedoso, onde cada milímetro de espaço tem que ser conquistado, porque não existe dádiva nesse jogo comercial do mundo globalizado.

Eu pensei que o Roberto Rodrigues ia tocar nesse assunto, mas ele não tocou. Graças à disposição do Brasil de tomar a decisão de ter uma política externa mais ousada, mais agressiva e, ao mesmo tempo, respeitosa, fez com que anteontem nós recebêssemos a grata notícia da questão do algodão brasileiro na Organização Mundial do Comércio.

Nós temos um problema sério e resolvemos mudar um pouco o rumo das nossas ações externas. Nós temos uma relação praticamente meio a meio na nossa relação comercial com os Estados Unidos e com a União Européia: são 25, 26% com a União Européia, 25, 26% com os Estados Unidos, são mercados que estão mais ou menos no limite das nossas relações, porque eles compram de todo mundo e querem vender para todo mundo. Protegem sua agricultura, muitas vezes colocando subsídios exagerados, para que a gente não consiga colocar os nossos produtos lá dentro.

Quando nós tomamos posse, no ano passado, tivemos a primeira grande decisão, que era tentar fazer uma política externa mais agressiva, tentar juntar os pedaços que existiam, de países ou conjunto de nações, que poderiam ter uma relação mais forte conosco e que estavam mais distantes, embora tivessem fronteiras com o Brasil, como é o caso da América do Sul. Então, tomamos a primeira medida.

Primeiro, nós vamos recuperar a nossa relação com a Argentina, que sempre foi historicamente complicada. Só para os mais jovens terem idéia de como era complicada, quando nós começamos a construir a Itaipu, na época os militares argentinos, com medo dos militares brasileiros, diziam que nós estávamos construindo Itaipu para, em caso de guerra, inundar a Argentina. E, por conta disso, a Argentina começou a discutir a possibilidade de fazer a bomba atômica, para se precaver da nossa Itaipu.

Então, essa coisa existiu ao longo de muitos anos, essa rivalidade muito



pesada entre o Brasil e a Argentina. Resolvemos, então, que nós deveríamos privilegiar a nossa relação, porque se Brasil e Argentina, na América do Sul, estiverem bem, a tendência natural é outros países da América do Sul nos acompanharem, se juntarem para construirmos um bloco mais forte e mais sólido na América do Sul, até porque o Brasil tem fronteira com quase todos os países, só não tem com o Equador e com o Chile. Portanto, faz parte do território da América do Sul essa integração extraordinária, sendo, praticamente, uma mesma Nação.

Entretanto, nós descobrimos essas coisas porque eu visitei todos os países da América do Sul no ano passado. Fizemos reuniões de trabalho com todos os presidentes e com a maioria dos ministros ligados à agricultura, indústria, transporte, área de infra-estrutura, e descobrimos que durante um século se falou muito em integração da América do Sul. Era um discurso que quase todos nós falávamos, inclusive aqueles que faziam política antes de nós. E nós descobrimos que era um discurso teórico, porque a integração pressupõe que haja a integração física, que haja ligação, que haja ponte, que haja estrada, que haja ferrovia, que haja hidrovia, que haja portos, que haja aeroportos, ou seja, sem isso não tem integração.

Um empresário do Equador que queira vir ao Brasil, tem que ir a Miami para vir aqui. Se ele tem que ir a Miami, ele já faz negócios em Miami. Por que viria ao Brasil? Então, nós resolvemos estabelecer como prioridade essa integração. Recuperamos o Mercosul. Hoje o Mercosul está muito mais consolidado. Já trouxemos para o Mercosul os países da Comunidade Andina, já trouxemos o Equador, a Venezuela, o Peru e a Colômbia. Já fazem parte, já são convidados especiais, participantes especiais. E, até dezembro, nós vamos ter todos os países da América do Sul dentro do Mercosul.

Estamos trabalhando junto com instituições financeiras, com o apoio do BNDES, para que a gente consiga fazer as ligações de estradas, telecomunicações e outros meios de transporte, para ligar, para integrar definitivamente a América do Sul, porque não é possível que um país que tem as possibilidades do Brasil para estabelecer uma relação maior e melhor com



esses países, permita que outros ganhem o espaço, que é um espaço que os países da América do Sul podem, tranquilamente, transformar em parcerias, eu diria, dignas e respeitadas entre as nações.

Até o final do ano, nós vamos fazer uma outra coisa importante, que é a ligação, o acordo entre a União Européia e o Mercosul. Vamos tentar consolidar esse bloco para facilitar a discussão do Brasil no Acordo de Livre Comércio das Américas, para que nós não fiquemos subordinados apenas à pressão dos interesses econômicos dos Estados Unidos, mas que a gente possa discutir uma ALCA em função dos interesses da nossa agricultura e da nossa indústria.

Vocês estão lembrados que quando nós começamos a viajar, algumas pessoas começaram a não entender porque que nós viajavamos tanto. Eu resolvi que em política internacional ninguém respeita quem não se respeita. Ninguém. Nem na nossa vida pessoal. Na nossa relação de companheirismo, ninguém respeita um companheiro que não se respeita. Então, eu resolvi que era preciso fazer com que o Brasil passasse a ser mais respeitado, em lugares que a gente tinha pouco acesso. Por isso é que nós viajamos para alguns países que nós consideramos importantes.

Primeiro, consolidamos a América do Sul, depois nós fomos aos Estados Unidos, fomos a vários países europeus; depois fomos ao Oriente Médio. No Oriente Médio visitamos sete países árabes, para dizer a eles que nós existimos, que nós produzimos, que nós temos tecnologia, que nós temos lugares para eles fazerem turismo; para dizer a eles que aqui não tem terrorismo, que eles podem vir gastar o bom dinheiro deles, aqui, dentro do Brasil, fazer parcerias com os nossos empresários. E muita gente não entendia porque nós fomos ao mundo árabe. Pois bem, nós viajamos ao mundo árabe e, hoje, eu posso dizer para vocês que a relação comercial do Brasil com todos os países árabes cresceu, e a que cresceu menos, cresceu 50% do ano passado para este ano.

Em dezembro, vamos fazer uma coisa que nunca aconteceu no Brasil. Nós vamos fazer uma reunião entre todos os presidentes da América do Sul,



com todos os presidentes, reis, príncipes, sheiks, e o que mais existir do mundo árabe, aqui, no Brasil, para que a gente possa consolidar uma parceria entre o mundo árabe e o Brasil.

Ao mesmo tempo, nós estabelecemos uma parceria estratégica com a África do Sul e a Índia. Uma parceria com a possibilidade da gente trabalhar intensamente a questão científica e tecnológica, além das questões comerciais normais, inclusive, trabalhar a questão militar entre esses países, produzindo coisas que o Brasil sabe produzir, fazendo parceria com a África do Sul para não precisar importar determinados produtos de outros países ricos, gerando um pouco de emprego aqui e gerando um pouco de emprego lá.

Eu fui à Índia, cuja relação com o Brasil era uma coisa estranha, não só pela distância, mas pelo desconhecimento que existia e, hoje, nós já temos um grupo de empresários da Índia, organizados para tratar apenas da relação com o Brasil. Temos também um grupo de empresários brasileiros organizados para tratar da questão com a Índia, e a possibilidade de fazer o comércio Brasil-Índia crescer nesses próximos anos é extraordinária.

E agora, vamos fazer, talvez a mais importante viagem, no dia 22 de maio. Vamos para a China, levando uma grande delegação de empresários, levando uma grande delegação de ministros. Eu não posso levar todos, mas nós vamos fazer bons e grandes acordos, não apenas para vender, mas para comprar, porque se depender do Roberto Rodrigues e do Furlan, eles só querem vender. Acontece que numa relação comercial boa, a gente tem que vender e comprar, porque senão ninguém agüenta só comprar de nós. Nós também temos que comprar um pouco deles para estabelecer uma relação saudável.

O que é importante nessa política internacional? É que pela primeira vez, China, Índia, Rússia, África do Sul, estão vendo a relação deles com o Brasil como uma relação estratégica. Não é apenas uma simples relação comercial, eles estão descobrindo que a nossa briga com o mundo desenvolvido, União Européia e Estados Unidos, é uma briga de gigantes e



muitas vezes demora anos para a gente ganhar uma coisinha na Organização Mundial do Comércio.

Então, eles resolveram que se juntarem alguns países importantes, com o Brasil, a gente passa a ter uma força extraordinária. E eu disse, lá, nos países árabes, que nós corremos o gostoso risco de mudarmos a geografia comercial do mundo, de não ficar apenas dependendo dos produtos subsidiados por europeus ou americanos, mas que a gente possa, entre nós, estabelecer uma relação tão forte que aí, sim, quando tivermos força, eles virão nos procurar e dizer: vamos discutir a questão do subsídio porque nós precisamos ter uma boa relação com vocês.

Enquanto nós estivermos apenas chorando, as chances serão pequenas, mas quando a gente tiver a possibilidade de dizer para eles: vocês não querem tirar os subsídios, mas a nossa relação estratégica com esses países vai permitir que a gente não tenha mais que implorar a vocês. Aí, então, eles vão perceber que nós temos força suficiente para ocupar esse espaço extraordinário.

Por que eu estou dizendo tudo isso? Eu estou dizendo isso, porque essas coisas só foram possíveis de acontecer por causa do agronegócio. Só foram possíveis de acontecer por causa do salto de qualidade que deu a agricultura brasileira. Por conta do salto de qualidade que deu a tecnologia brasileira na construção de máquinas para a agricultura. Isso que a gente viu, aqui, é uma pequena demonstração de como o Brasil tem potencial de não dever nada a ninguém, do ponto de vista da competitividade no campo do agronegócio. E eles têm consciência disso porque qualquer um deles que vem aqui e visita alguma coisa moderna que nós temos, sabe que nós não temos porque temer disputar preço com qualquer país do mundo. Ao ponto de nós já sermos o maior exportador de carne do mundo, ganhando da Austrália, porque temos o nosso querido e bom chamado “boi verde”, que hoje supre uma deficiência que existe na Europa e nos Estados Unidos, com as doenças que têm atingido o rebanho de gado daqueles países como a chamada “vaca louca”



ou a “gripe do frango”, ou sei lá, uma quantidade de coisas que, graças a Deus, nós não temos.

O nosso boi de cabeça baixa, no pasto, está comendo saúde, e não está comendo nenhuma comida biologicamente modificada que possa trazer qualquer doença para ele.

Então, nesse campo nós estamos extraordinariamente bem. E queremos, ao mesmo tempo, e a cada dia mais, provar que a combinação perfeita entre a agricultura empresarial e familiar não tem incompatibilidade, até porque nós precisamos criar condições para que o agricultor familiar possa ter acesso à modernidade que tem a agricultura empresarial. Precisamos fazer chegar a ele os benefícios da tecnologia. Ele não pode ficar a vida inteira fazendo a agricultura de subsistência porque isso não lhe dá a possibilidade de melhorar a sua qualidade de vida.

Mas para que a gente possa fazer as coisas acontecerem, é preciso que a gente tenha a dimensão disso. Esta semana o Roberto Rodrigues me apresentou um pacote para que a gente possa recuperar 7 mil e 800 quilômetros de estradas, que são os chamados corredores da produção brasileira.

Sabem por quê? Porque, no Brasil, nos últimos anos, nem manutenção das estradas foram feitas. Então, nós vamos ter que fazer a recuperação, é quase que fazer uma estrada nova, não é tapar buracos.

Este ano, vamos começar a recuperar 7 mil e 800 quilômetros. É importante lembrar que antes deste ano, o ano em que mais aconteceu a recuperação de estradas, no total, foi no governo Sarney, quando foram recuperados 5 mil quilômetros. Nós agora vamos ter que fazer 7 mil e 800 quilômetros novos, para garantir o escoamento da nossa produção.

Ao mesmo tempo, nós percebemos que o Brasil não estava tão preparado como parecia estar para essa competitividade com que todos vocês sonham e que todos nós queremos, porque os nossos gargalos para a exportação estão truncados. Na medida em que o Brasil cresce um pouco mais, nós temos problemas sérios nos portos brasileiros.



É preciso fazer dragagem no porto de Vitória, é preciso fazer dragagem no porto de Santos, é preciso fazer dragagem no porto de Paranaguá, é preciso fazer dragagem no porto de Rio Grande, lá no Rio Grande do Sul e é preciso recuperar outros portos que nós temos, além do anel viário que nós temos que fazer no porto de Sepetiba, para dar vazão às nossas exportações.

Se não bastasse isso, nós temos um problema enorme nas ferrovias brasileiras e, aqui, eu quero fazer outra vez uma exaltação à iniciativa privada porque, no ano passado, ela investiu 2,5 milhões de reais em ferrovias no Brasil, mais do que nos últimos seis anos do governo anterior. Nós queremos que este ano se faça ainda mais.

Estamos pensando seriamente se podemos começar a arrumar parceiros, construímos o PPP, e esperamos que o Senado vote logo para que a gente possa terminar de uma vez por todas a ferrovia Norte-Sul, que começou em 1985 e só tem um pedacinho construído dentro do Maranhão. Ela pode ser o grande escoador da produção do estado de Goiás, do estado de Tocantins, do estado do Piauí e de uma parte do estado do Maranhão para o porto de Itaqui, que é um porto excepcional, porque tem um calado de 23 metros e, portanto, não tem problema de dragagem. Mas isso precisa ser construído. Da mesma forma que nós estamos falando, há quantos anos, de uma integração entre o Pacífico e o Atlântico.

Quantas vezes vocês já ouviram o discurso de que era preciso construir uma estrada indo para Peru, indo não sei para onde? Pois bem, na semana passada nós decidimos fazer essa ligação, com uma coisa que já estava pronta, que já existia. Nós começamos a recuperar a ferrovia que liga Santos a Bauru, Bauru a Corumbá, Corumbá ao Porto Antofagasta, passando pela Bolívia, passando pela Argentina. Já conversamos com os presidentes desses países, para que cada um deles possa consertar a ferrovia dentro do seu país, para que a gente possa fazer transitar parte da nossa mercadoria via Pacífico. E a parte brasileira, meu caro Roberto, sabe de quanto estava precisando? De oitenta milhões de reais. E a empresa que tinha adquirido a ferrovia não tinha o dinheiro para fazer. Precisamos fazer um trabalho para que outros empresários



realizassem parceria, para que, então, nós pudéssemos ter essa ferrovia funcionando no nosso país.

Nós sabemos que a questão dos portos, das nossas estradas e ferrovias, é condição *sine qua non* para que a gente possa continuar fazendo essas feiras com o otimismo com que vocês estão, hoje, participando aqui, fazendo um negócio cada vez maior, acreditando cada vez mais que a tecnologia vai, aos poucos, substituindo o trabalho braçal, na perspectiva de gerar melhor qualidade de vida e de garantir que, mesmo o trabalho humano, seja feito com melhor qualidade, eu diria até, mais digno e mais saudável do que é hoje.

Por isso, eu não poderia deixar de vir a uma feira com esta. Porque nós temos muito o que falar com os nossos parceiros pelo mundo afora. E nós não venderemos o Brasil lá fora, se a gente vender miséria, se a gente for pequeno, se a gente vender mesquinha.

Ontem, eu fui lançar um programa de desenvolvimento regional do turismo. E eu dizia aos companheiros do turismo: “este ano, Palocci, para sua alegria, o Banco Central declarou que nós tivemos 97 milhões de dólares a mais do que o período passado, de turistas estrangeiros que vieram ao Brasil.” E eu dizia para o pessoal: “se a gente quiser trazer turista internacional ou se a gente quiser fazer os turistas circularem dentro do Brasil, é preciso que cada estado assuma a responsabilidade de fazer propaganda nacional do seu estado. Ora, ninguém sairá desta feira para visitar um estado. Se vocês pegarem um jornal ou virem na televisão que naquele estado tem criminalidade, tem sequestro, tem assalto, vocês não vão, vocês desarrumam a mala e falam: “vou ficar aqui vendo televisão, vou comprar um saquinho de pipoca. Por que eu vou sair, para criar problema para minha vida?”

Então, cada estado tem que cuidar da divulgação do seu território, das suas coisas bonitas. E nós temos que cuidar para fazer o Brasil vender isso lá fora. Nós temos canal de televisão a cabo, que mostra lá fora aquilo que a gente vê de violência o dia inteiro, aqui, no Brasil. Qual é a motivação que a gente vai dar para alguém vir para o Brasil, se ficamos mostrando apenas



desgraça?

Eu disse a eles: “As mulheres, para virem nesta feira, aqui, se levantam de manhã e se pintam? Se vestem bem para vir aqui? É porque elas querem que as pessoas que as vejam, tenham uma boa impressão delas. Porque nós, homens, levantamos todo dia e vamos ao espelho nos pentear? Nem sempre a gente consegue um bom resultado, mas, de qualquer forma, nós vamos. Por que a gente faz isso? Porque a gente quer sair para fora e ter uma boa aparência? A gente quer causar uma boa impressão.”

Ora, vender a imagem do Brasil lá fora, é exatamente isso, é vender a qualidade dos nossos produtos agrícolas, é vender a qualidade das nossas máquinas, é vender a qualidade da nossa tecnologia. Afinal de contas, um país que tem uma empresa de pesquisa como a Embrapa, não tem que ter medo de competir com ninguém na face da Terra. Não tem que ter medo.

Eu acho que essa feira é a síntese daquilo que todos nós sonhamos que um dia aconteça em todo o território nacional. Eu espero ainda, Roberto, nesse pouco tempo, quem sabe com esses empresários todos, aqui, que a gente possa, ainda este ano, lançar o programa do biodiesel no Nordeste brasileiro, na região do semi-árido.

Eu espero, e eu dizia aos companheiros do Agrishow, que o presidente da Rússia, agora que foi reeleito, assine o protocolo de Kioto, porque se ele assinar nós teremos a possibilidade de ter um mercado excepcional para o nosso álcool. Só para vocês terem uma idéia, se o Japão precisasse colocar 10% de álcool na gasolina deles, só eles comprariam metade de todo o álcool que nós produzimos hoje no nosso país.

Imaginem quando a Alemanha começar, quando a França começar. Os Estados Unidos produzem o etanol do milho. É preciso 3 quilos de milho para um litro de álcool. Ou seja, fica muito mais caro do que o nosso, então nós temos um imenso espaço para crescer e nós vamos tentar conversar com o presidente da Rússia, para que ele assine o mais depressa possível, porque nós temos que dizer em alto e bom som: “O melhor do Brasil é o próprio povo brasileiro”. Temos que dizer para eles que nós estamos dispostos a dar a



nossa contribuição neste mundo globalizado, e que nós esperamos deles apenas a compreensão de que cada um deve cumprir aquilo que está determinado a cumprir.

Portanto, eu quero dar os parabéns a vocês. Eu acho que vocês entraram numa “encalacrada” com esta feira, vocês nunca mais vão parar de crescer e cada vez mais, vocês vão ter dor de cabeça, mas é uma dor de cabeça gostosa, porque é a dor de cabeça do crescimento, é a dor de cabeça do fortalecimento da feira.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês.

/rss/cms/